

AS PEDRAS DA CIVILIZAÇÃO *THE STONES OF CIVILIZATION*

Roseli Deienno BRAFF¹

BRAFF, M. **A muralha de Adriano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 368 p.

“No passado como no presente, a muralha é a mais evidente alegoria da segregação.” (BRAFF, 2007, p.309). Com essa frase, Mateus, professor de História e um dos protagonistas do romance *A muralha de Adriano*, inicia um artigo que publica no jornal. A frase é o mote em torno do qual o gaúcho Menalton Braff constrói a narrativa desse que é seu décimo segundo livro.

Entre as últimas publicações do escritor, que vive há mais de vinte anos em São Paulo, estão os romances *Que enchente me carrega?* (2000), *Castelos de papel* (2002), *Na teia do sol* (2004) e o volume de contos *A coleira no pescoço* (2006), finalista do Prêmio Jabuti 2007.

Ganhador do Prêmio Jabuti – livro do ano de ficção em 2000 – com a coletânea de contos *À sombra do cipreste*, o autor, livre das amarras da concisão imposta pelo conto, revela-nos no romance em questão uma narrativa caudalosa, em que a citação histórica – a construção da muralha pelo imperador Adriano no século II – permeia a ficção e com ela dialoga, manifestando a nossos olhos espantados sua atualidade. O homem do século XXI continua a construir muralhas, mesmo que não sejam de pedra, para isolar o outro ou isolar-se dele – e competir.

O romance tem estrutura circular – inicia e termina num velório. Na primeira parte – “A estátua de sal” – os capítulos são construídos sob o ponto de vista de um dos três protagonistas (Verônica, Anselmo, Mateus) no presente, o velório, e com incursões no passado. As três partes seguintes são narradas em primeira pessoa por cada um dos protagonistas. Na parte final – “Sarça de fogo” – um narrador em terceira pessoa rege o encontro dessas três vozes.

O que distingue cada protagonista é essencialmente a linguagem usada para dar-lhe voz. Assim, conhecemos a arquiteta Verônica, filha de um poderoso comerciante dono de uma rede de supermercados. Sensível e insatisfeita sexualmente, Verônica busca sentido para a vida no prazer que não encontra. Como narradora, sua linguagem

¹ Mestranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – rosebraff@hotmail.com

é mais poética, fluida. Anselmo, ambicioso e insaciável, é o marido de Verônica – morto num acidente de automóvel. Narra com volúpia seus casos amorosos e com certo pragmatismo amoral suas conquistas financeiras, já que veio de família pobre. Mateus é irmão do pai de Verônica. Professor de História, não se interessa pelo império comercial construído pelo irmão Tiago. Antes, subtrai-lhe aquilo que mais tem de precioso: a filha Verônica, com quem vai manter uma delicada relação.

A muralha da História real, erguida pelo imperador Adriano, na Inglaterra, para deter as invasões dos escoceses, procurando salvar o que restava do Império Romano, que ruía paradoxalmente em virtude de sua grandeza, duplica-se na ficção como alegoria da intolerância, do preconceito, da discriminação; bem como o crescimento da rede de supermercados Boacompra é clara alusão ao Império Romano decadente. Nenhum império é eterno na visão do protagonista Mateus.

Nesse mosaico de vidas, o que mais nos prende é o modo como a narrativa é arquitetada – pedra por pedra, peça por peça – aos poucos, por meio de sugestões, *flashes* de memória, como se fôssemos tecendo uma tapeçaria que, só no final, se expõe por completo, se dá a conhecer por inteiro.

Em entrevista ao jornal literário *Rascunho*, de Curitiba, em 2007, o escritor Bernardo Carvalho afirmou que “A literatura que serve para alguma coisa é a que o mercado quer. [...] Não servir para nada é um negócio radical e muito importante, permite que se faça uma literatura de ruptura, que não obedece a demandas preexistentes [...]” (CARVALHO, 2007). Levando em consideração esse ponto de vista, Braff cria uma nova demanda: uma literatura que sugere, não conta apenas uma história. E no plano da sugestão, o manejo do pensamento, da memória e fluxo de consciência dá o ritmo à narrativa. Então, as categorias narrativas como o tempo e o narrador imbricam-se para modelar a constituição das personagens: quando o narrador é Anselmo, o tempo acelera-se, as ações sucedem-se em jorro; quando o ponto de vista é de Mateus, há uma desaceleração do tempo, e as ações quase inexistem.

A linguagem configura-se densa e tensa do princípio ao fim, recortada por trechos de verdadeira prosa poética: “De fomes abomináveis foram tecidas nossas alianças. Havia pasto no vasto campo e um desejo a galope, mas então as cercas estreitaram-se, como se o tempo não mais nos pertencesse.” (BRAFF, 2007, p.13).

Os nomes bíblicos certamente propõem significados relacionados ao contexto da narrativa. Assim, Tiago: forma grega de Jacó (hebraico) – suplantador, enganador (BÍBLIA, Mateus, 4, 21) revela a própria personalidade do poderoso irmão de Mateus, que se julga superior por comandar um império comercial; Mateus: dom de Deus (BÍBLIA, Lucas, 2, 35) reveste o irmão de Tiago com uma aura iluminada que atrai Verônica e ordena o caos; Verônica: imagem verdadeira, aquela que se redimiui.

Os títulos da primeira e da última parte: “Estátua de sal” e “Sarça de fogo”, também bíblicos, remetem-nos à estrutura circular do romance, que se inicia no velório de Anselmo, quando Verônica descreve o marido, que, quando vivo, tinha um “[...] rosto obscuro de lábios sempre úmidos e aqueles olhos que possuíam todas as mulheres num raio que só terminava no horizonte de sua imaginação.” (BRAFF, 2007, p.10). Também com Anselmo Verônica procurou a satisfação de seus desejos, mas conclui que “[...] o Anselmo é apenas um corpo, uma coisa indiferente, sem peso nenhum além de seu peso em decomposição.” (BRAFF, 2007, p.13). Ao olhar para trás, para a vida que dedicou apenas à busca do prazer, Verônica é a própria estátua de sal. Na parte final, “Sarça de fogo”, ao sair do cortejo fúnebre do marido acompanhada pelo tio, Mateus, a imagem é de purificação, de descoberta de uma nova vida possível: “ – Estou com vontade de chorar, ela disse a Mateus... é de mim mesma que eu me despeço.” (BRAFF, 2007, p.367).

Agora, só resta transpor a muralha, remover as pedras da civilização. É o que Mateus propõe: “Voamos amanhã para a Inglaterra. [...] Aproveitamos e subimos até o norte para enfrentar a Muralha de Adriano. Vai ser juntos que vamos transpor aquelas pedras.” (BRAFF, 2007, p.367).

Referências

BÍBLIA. N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução da Vulgata pelo Pe. Matos Soares. São Paulo: Paulinas, 1989. p.1061-1097.

BÍBLIA. N. T. Lucas. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução da Vulgata pelo Pe. Matos Soares. São Paulo: Paulinas, 1989. p.1120-1155.

CARVALHO, B. Eu acredito na literatura: é uma ilusão que dá sentido para a minha vida. [ago. 2007]. Entrevistador: Paiol Literário. **Rascunho**: o jornal de literatura do Brasil, Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&mo delo=2&secao=45&lista=0&subsecao=0&ordem=1504>>. Acesso em: 13 jun. 2008.

